

HABITAÇÃO POPULAR

BATE CORAÇÃO: Um Estudo Sociológico da Urbanização Periférica de Salvador

Gey Espinheira*

Localizada em Paripe na área da antiga Colônia de Menores Edson Tenório, esta invasão resulta da incapacidade dos seus moradores de entrarem no mercado formal de imóveis e, da ausência de programas habitacionais, públicos e privados para pessoas de baixa renda. A "aquisição" os torna psicologicamente mais seguros. A pesquisa comprova que seus habitantes conquistam a moradia como bem de uso, embora o "ethos" capitalista regule o comércio imobiliário ali, como em qualquer parte da cidade. E conquistam como um avanço apesar de toda a precariedade de infra-estrutura e problemas de segurança. As dificuldades de obtenção da casa e permanência no bairro, não poderiam ser melhor resumidas que no nome da favela.

A Conquista do Espaço — 1990

Bate Coração é uma invasão encravada numa área ligeiramente acidentada do subúrbio de Paripe, em local onde outrora funcionava a Escola e Colônia de Menores Edson Tenório, hoje desativada e em ruínas. Este complexo de serviços era constituído por vários módulos e por um sistema interno de comunicação ocupando uma vasta área.

A desativação e o arruinamento deixaram esta área como uma reserva urbana marcada pela propriedade pública da terra e de instalações abandonadas que, de algum modo, constituíram obstáculos à ocupação por invasores. Recentemente, com o agravamento da questão habitacional da Cidade, parte de uma população invasora da área das Malvinas¹ resolveu ocupar este subespaço vago entre as áreas da Fazenda Coutos — projeto de remanejamento de outras favelas — e de Final Feliz, também assenta-

mento de populações de baixa renda — na paisagem múltipla de Paripe, em que se fundem a beleza calma do mar, a melancolia da estrada de ferro e a agressiva presença de uma fábrica de cimento.

Em pouco tempo milhares de pessoas devastaram a frágil cobertura vegetal, cortaram as encostas e plantaram barracos de madeira e lona plástica, taipa e mesmo de bloco, depois de uma primeira tentativa frustrada pela imediata ação policial que os expulsou, seguida de uma permissão tácita do prefeito de então em "dar um tempo" a essas pessoas enquanto soluções definitivas eram estudadas. Bate Coração, "jingle" da campanha política municipal, denominou o novo assentamento — buscou-se proteção e apadrinhamento.

Rapidamente a área foi ocupada. Um processo ágil de apropriação do solo, demarcação de lotes e a imediata construção de abrigos que legitimavam a posse do terreno diante de outros invasores, uma verda-

deira multidão vinda de lugares os mais diversos em busca da possibilidade de moradia em Salvador.

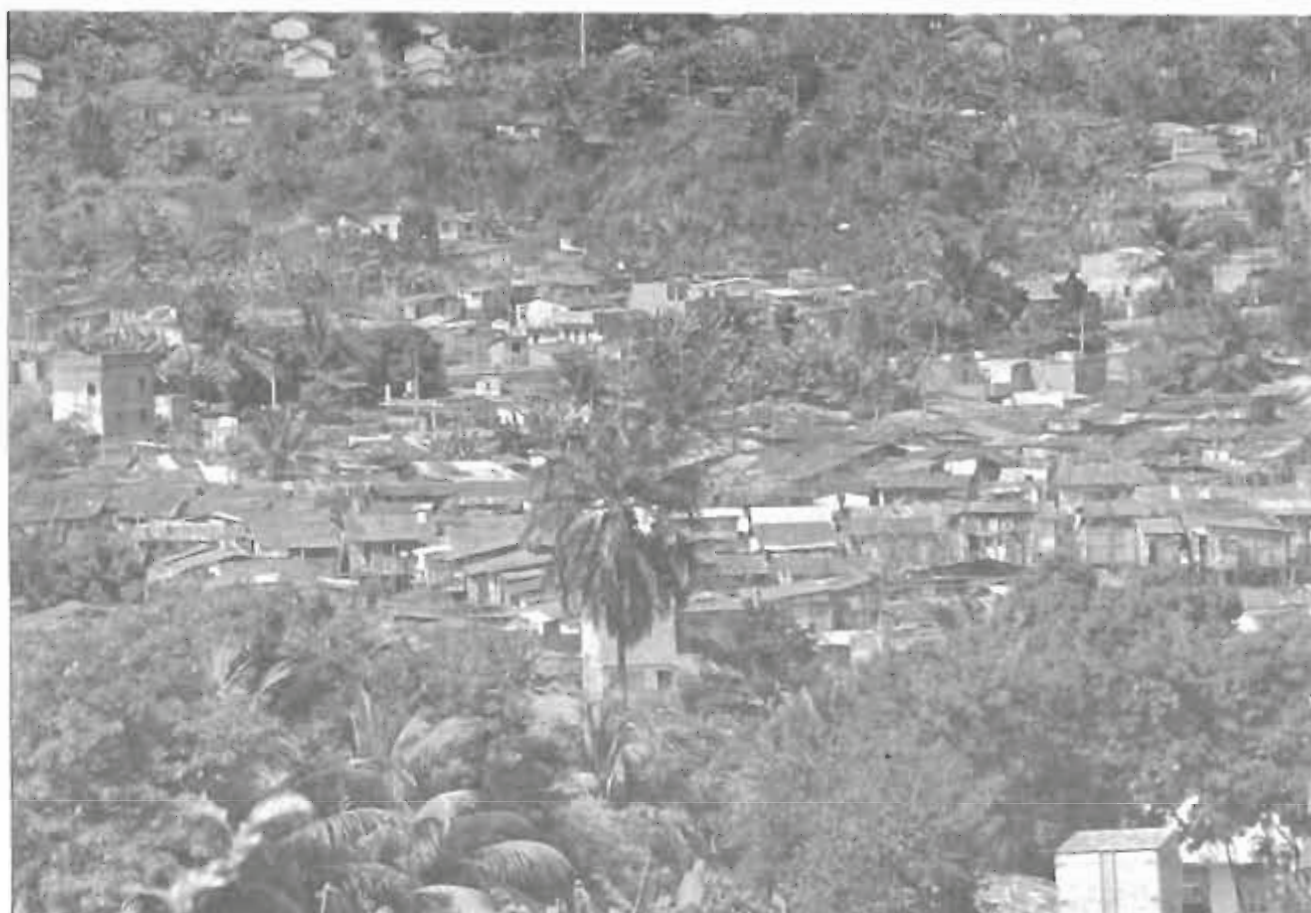
Há muito tempo que o mercado fundiário para baixa renda se restringiu. Não há mais a venda à prazo de lotes a preços compatíveis com as remunerações da massa de trabalhadores, em locais urbanizados, promovido pela iniciativa privada. Tampouco a política governamental foi capaz de atender à demanda atual e a reprimida. A única solução para a moradia numa cidade de elevada taxa de urbanização foi o acesso direto, via invasão, de áreas potenciais para a fixação de residências. Esgotaram-se os morros próximos e neles a hierarquia: a cumeeada, as encostas e os vales.

Bate Coração foi mais uma entre tantas e novas favelas, tão comuns no processo de urbanização espontânea de dois terços de Salvador, concentrando em sua periferia uma expressiva população.

A visão da invasão, a notícia através

* Gey Espinheira é sociólogo e professor da FFCH da UFBA.

(1) Extensa invasão situada ao Norte de Salvador, entre a orla marítima e a avenida Paralela, próxima a Itapoan, iniciada quando da Guerra das Malvinas, 1982.



de conhecidos e da imprensa incentivaram as pessoas à ocupação. "Foi um Deus nos ajuda. O povo foi desmatando, limpando tudo. Isso aqui era de fazer medo. Mato fechado. Num instante a terra estava nua e tinha gente por tudo quanto era canto".²

A invasão de Bate Coração representa uma conquista de moradia em local privilegiado e isso dá-lhe uma significação especial em razão de: proximidade ao comércio de Paripe, de atendimentos de vizinhança (supermercados, padarias, feira livre, farmácias etc.) e serviços: clínicas e postos médicos públicos e conveniados; escolas de primeiro e segundo graus; transporte coletivo por ônibus e por trem, com diversas opções de linhas para o centro e subcentros de Salvador, incluindo linhas bairro a bairro.

Esses fatores facilitadores da vida tornam o espaço estratégico para a moradia e se associam a um outro: proximidade à praia, paisagem marinha e, no alto, ventilação permanente e vista panorâmica. Esses fatores mereceram o comentário irônico de um morador: "este é um terreno caro para gente barata".

A percepção do assentamento de Bate Coração é de que a densidade é por demais

elevada. Os barracos arrumam-se uns juntos aos outros na lógica da ocupação máxima do solo. As ruas existentes derivam-se daquelas que constituíam o sistema viário básico interno do complexo de serviços de atendimento aos menores. Os espaços de circulação produzidos pela invasão são caminhos, vielas, becos (que são denominados de avenidas) e acessos (sinuosos) que só permitem o trânsito de pedestres.

Este brotar de barracos, onde permite a terra, produz uma perspectiva movimentada em que as casas e seus habitantes se mostram na variedade de suas construções e de seus gestos, sob uma multiplicidade de ângulos simultâneos, como se fosse possível vê-los em todas as dimensões da vida cotidiana e em permanente movimento.

Percebe-se pelas cercas vasadas, pelas portas e janelas abertas, pelas frestas ostensivas e pelos planos diversos que a topografia propicia, a exposição da vida e sua expressão da miséria, a confirmação que nestas condições nenhuma privacidade é possível. A vida é pública e perceptível pelos sentidos. O existir cotidiano faz-se nas ruas. As casas são por demais acanhadas e nelas só cabem todos os moradores quando se aninham para o descanso da noite.

Cada lote conquistado tornou-se um ponto de fixação de uma ou mais famílias. As estruturas construtivas obedecem à velocidade da ocupação da terra e os recursos de cada invasor nos momentos subsequentes. O futuro ficou para depois, já que se decidia ser o momento imediato de fazer daquela terra vazia, coberta de mato, um novo bairro, um lugar para morar nesta cidade do Salvador, tão fechada às novas gerações e, sobretudo, aos que vêm de fora.

Bate Coração, não apenas um nome, mas um estado de espírito, a excitação da vida diante da possibilidade de um lugar próprio.

A Formação de um Bairro — A Construção de Lugar

Os moradores de Bate Coração não representam hordas de bárbaros que invadiram a cidade e estão em busca de lugar para morar. São, na verdade, habitantes da cidade com um mínimo de dez anos de permanência ou de uma parcela de trinta por cento de soteropolitanos.

A observação da origem revela o que já se havia constatado em outros estudos, especialmente na pesquisa sobre a "Ocupa-

(2) Entrevistas com moradores de Bate Coração, realizadas no período de janeiro a março de 1990. Outras aparecerão no decorrer do texto e não serão objetos de notas.

ção da Área do "Miolo de Salvador",³ que os que aqui chegaram há mais de dez anos ainda não haviam conseguido solucionar seus problemas de moradia. Os fluxos migratórios e o próprio crescimento vegetativo se defrontaram com um nível muito elevado de inflexibilidade no acesso ao solo urbano ou à habitação.

Uma expressiva demanda reprimida, calculada em mais de duzentas mil unidades, no diagnóstico da *Estratégia de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Salvador, 1985/2005*,⁴ estava a indicar a formação de uma pressão social que se expressaria cedo ou tarde numa explosão no sentido de equacionar esse problema elementar da vida: a moradia; mas extremamente complexo no âmbito do capitalismo brasileiro nas grandes cidades. Há muito tempo que o mercado fundiário se fechou para os assalariados de baixos rendimentos e se esgotaram os restritos programas habitacionais populares levados a efeito pela iniciativa privada ou por políticas governamentais.

As populações de baixa renda, assalariados ou de rendimentos assistemáticos, têm solucionado a questão habitacional através de invasões que somam centenas de ocupações de terras vazias, sejam as residuais dos conjuntos habitacionais, as encostas, cumeadas e vales dos morros íngremes, ou vazios urbanos estrategicamente localizados e na condição de terras de engorda.

Nos últimos anos, sem uma definição clara de uma política de terras urbanas e de habitação, o setor público tem unicamente se defrontado com a busca de solução para as sucessivas invasões que orientam a expansão urbana de baixa renda, à margem de qualquer regulamentação urbanística municipal. O deslocamento de invasões tem sido o caminho encontrado e, como sempre acontece nesses casos, a alternativa proposta pelo setor público é sempre pior que aquela adotada pelos moradores ao decidirem pela escolha do lugar para invadir. Assim é, por exemplo, a relocação das invasões às margens do rio Camurugipe: Rocinha, Tubo e Cai-Duro, nos elegantes bairros da Pituba e sua ampliação, o Costa Azul, com uma história de vinte anos de assentamento, adensados no final dos anos setenta, abrigando mais de quinze mil pessoas. Inicialmente nos matagais e nos taludes do rio, em seguida aflorando e ocupando as margens da avenida, substituindo as precárias improvisações dos barracos em construção de alvenaria, esses assentamentos não resistiram às poderosas pressões do segmento imobiliário que tinha este espaço urbano

como um natural prolongamento do corredor de uso múltiplo do subcentro de comércio e serviço do Iguatemi, precisamente onde se dá a expansão das modernas atividades de comércio e serviços e onde Salvador experimenta a proliferação de sua arquitetura mais recente e sofisticada.

Neste caso, dois setores reforçaram os argumentos dos interesses imobiliários e do setor público, convergentes para uma mesma posição: a existência de uma rede elétrica aérea de alta voltagem e o rio Camurugipe, um verdadeiro esgoto a céu aberto. Em nome da segurança e da saúde pública, com o apoio da vizinhança de alta renda que considerava indesejável a proximidade daquela pobreza, a Prefeitura Municipal articulou o remanejamento desses assentamentos num rumoroso caso de negociação com uma empresa privada, envolvendo debates acirrados na Câmara de Vereadores e recursos jurídicos. A conclusão foi a transferência desses moradores para um local no distante bairro do Beiru, denominado de Arenoso, no qual a empresa privada construiu casas populares e a urbanização básica, em troca dos terrenos desocupados, agora com os gabaritos liberados para a verticalização.

Esta negociação envolveu uma luta política muito intensa, com ativa participação dos moradores que, no entanto, não resistiram à oferta de uma casa e uma promessa pública da prefeitura em garantir a todos, homens e mulheres, empregos proporcionados por investimentos municipais, inclusive na formação de unidades comunitárias de produção: fábricas de picolés, sequilhos, salgadinhos; lavanderias, etc.; anunciados em carros de som na campanha de convencimento dos moradores.

Um outro quadro esboçou-se na invasão das Malvinas, em sucessivas investidas e expulsões por forças policiais militares, envolvendo o conjunto das organizações sociais interessadas na questão habitacional popular: a Prefeitura Municipal, o Governo do Estado, os partidos políticos, a Ordem dos Advogados, a Igreja e os movimentos populares, notadamente o de Defesa dos Favelados. O problema maior foi o tratar-se de uma vasta gleba localizada na expansão Norte da cidade, na avenida Paralela, próximo ao aeroporto e à orla de Itapoan. Uma extensa invasão aos olhos dos baianos e visitantes, numa vasta terra de engorda de um discutível espólio em que as terras eram aforadas à própria Prefeitura Municipal.

Sucessivas administrações se bateram com esses invasores e várias vezes a área foi esvaziada com a transferência dos moradores para lugares distintos, a exemplo da Fazenda Coutos, I e II, no subúrbio de Pa-

ripe. A evolução da situação política, entretanto, não mais permitiu que soluções meramente policiais fossem adotadas, assim, um considerável contingente populacional conseguiu manter-se na área, dando-lhe uma feição de um extenso bairro popular nascente, que a cada dia modifica sua paisagem interna, evoluindo de barracos precários para construções em alvenaria, delimitando ruas e caminhos, apesar da omissão dos serviços municipais.

A ocupação da Fazenda Coutos, ao lado da área de Bate Coração, favoreceu a um excesso de invasores das Malvinas a ocupação dessa área intacta, nos mesmos moldes das demais invasões. Ocupação do território com a limpeza do local (desmatamento), demarcação de lotes e imediata construção dos barracos. Assim nasceu Bate Coração há quatro anos atrás, e esse processo continua a repetir-se.

Em março de 1990, no domingo dia 11, milhares de pessoas se mobilizaram e deram início à mais recente invasão da cidade, nas áreas livres e de servidão do complexo de viadutos do acesso Norte de Salvador, da rodovia Federal BR-324, em área de avizinhamiento urbano. Limpam a terra, demarcaram lotes, ergueram os esqueletos dos barracos. A imprensa denunciou o fato. O termo é precisamente este: denúncia ao invés de notícia, a forma como este movimento foi visto e julgado pelas matérias dos jornais de Salvador.

Há uma concepção amplamente difundida que compreende as invasões como uma forma de especulação imobiliária por agentes populares. Em editorial do dia 14 de março, três dias após o início da ocupação, o principal jornal de Salvador, A TARDE, sentenciou: "... mais uma invasão de terras, previamente organizada para efeito de especulação, acaba de ser devidamente desarticulada pela Polícia Militar, que atendeu a uma rápida e justa reclamação da prefeitura ao defender não só uma propriedade pública (a segunda Rótula do Abacaxi) como também preservou outra área pública do DNER".

Nesse mesmo editorial o jornal enfatiza a percepção ideológica do caráter empresarial desses movimentos populares: "irresponsáveis com a vida do próximo, os organizadores de invasões pouco estão se importando se as áreas que fomentam a ocupação é perigosa para as famílias que entram nessas aventuras. Localizaram dezenas de barracos dentro de um córrego fétido no Costa Azul, formando a invasão Cai-Duro, com apoio de um padre estrangeiro". (A TARDE, editorial, 14/03/90).

Três dias antes da invasão ser destruí-

(3) Ocupação da Área do Miolo de Salvador — Salvador. CONDER/OCEPLAN, 1989.

(4) CONDER. Salvador, 1985.



da por um forte aparato da Polícia Militar e da Polícia Federal, em operação de guerra, o mesmo jornal entrevistou alguns invasores colhendo impressões que se seguem: "armado com facão (o grifo é nosso) e falando com raiva, (o grifo é nosso) um homem não identificado disse à nossa reportagem que estavam ali para ficar e iam ficar. Não saíam de maneira alguma e que, dentro de poucas semanas, toda a área será uma invasão consolidada. Esta noite já dormiram ali pelo menos umas 100 famílias". Mais adiante, na mesma reportagem, o jornal transcreve uma declaração de um invasor: "não interessa de quem sejam essas terras. Agora é nossa"... "Quem achar feio, que se mude para outra cidade. Salvador agora é dos pobres".

A carga ideológica imprimida pelo jornal é irrefutável. Facão, um instrumento de trabalho, é visto como arma. Um homem que limpa a terra, que corta a vegetação, espaçadamente arbustiva, está "armado com facão", e "falando com raiva", para dar a conotação final do caráter ofensivo de uma gente sem terra que procura espaço para viver numa cidade extremamente segregadora, que se dá ao luxo de conservar milhares de hectares como vazios urbanos,

na condição de terras de engorda, forçando uma urbanização descontínua e de alto custo de manutenção, impedindo o acesso à terra a milhares de habitantes que se concentram nos vales insalubres, nas encostas e nas cumeadas dos morros distantes, no centro geográfico do município.

A urbanização da pobreza é responsável pela configuração da cidade do Salvador que não aparece nos cartões postais e que se esconde das visões panorâmicas da bela cidade projetada no Atlântico, como a proa de uma estranha nau a cumprir o seu destino de mar.

No centro geográfico do município, no "miolo da cidade", dois terços dos habitantes moram em favelas. São invasões sucessivas que acompanham a topografia acidentada das áreas que interligam a Baía de Todos os Santos ao oceano aberto, nos corredores da via suburbana, da BR-324 e da Avenida Paralela, ou maciços conjuntos habitacionais homogêneos, de tediosa monotonia, onde centenas de milhares de pessoas enfrentam as dificuldades produzidas por essa urbanização segregada que marca tão profundamente a expansão recente de Salvador.⁵ É este o espaço das galeras, o que impulsiona o barco mas sem ter a visão do

mar e do destino do porto.

No subúrbio ferroviário de Paripe, para além dos velhos e novos Alagados, onde surgiram as invasões mais célebres de Salvador, monumental conjunto de palafitas sobre o calmo mar da enseada de Itapagipe, surgiu Bate Coração que hoje já completa seu quarto ano de existência. No início foi incomodada pela polícia que com prontidão barrou os invasores, mas negociações políticas facultaram a permanência dos invasores, sem, contudo, qualquer participação municipal no ordenamento da ocupação. Apenas o fazer "vistas grossas", um simples consentimento traduzido pela população local com "um dar um tempo" a essa gente que chegava ao local disposta a conquistar a sua fixação na cidade.

A ocupação exigiu a oferta de serviços elementares e estes foram obtidos pelo processo de extração da rede pública de iluminação — "o gato de luz", posteriormente consentido, isto é, não reprimido pelo governo estadual, em seguida o gato de água, ligações clandestinas, sendo estas últimas restritas a pequeno número de invasores, ao contrário da energia, que alcança todos os domicílios.

Os invasores de Bate Coração são de

(5) ESPINHEIRA, Gey — Urbanização e Barbárie — In Revista da Bahia, dezembro de 1989.



quase todos os bairros populares de Salvador, mas predominam pessoas que já moravam no subúrbio, sobretudo em invasões menos privilegiadas que Bate Coração, a exemplo dos Novos Alagados e outras tanta sobre o mar, em terrenos insalubres e perigosas encostas íngremes que correm nos períodos de chuvas abundantes. São moradores excedentes de um mesmo domicílio, ou aqueles que deixaram a habitação anterior, de aluguel ou mesmo própria.

É muito comum em Salvador as locações de barracos e pequenas casas nas invasões consolidadas da cidade. Este fato demonstra que a população de baixa renda não tem conseguido, na medida das necessidades do incremento demográfico, solu-

cionar seu acesso à habitação própria. Em estudo feito na invasão de Nova Brasília, no tradicional bairro de Itapoan,⁶ equivocadamente caracterizado como um "bairro de passagem", foi constatada a oferta de habitações de aluguel, atribuída como uma resposta aos moradores mais antigos à forte demanda por habitações populares, facultando adicional de renda para estes pequenos investidores imobiliários que otimizaram o uso dos terrenos e de quintais disponíveis. O aluguel torna-se complementação de renda e, às vezes, seu veio principal. Esse procedimento econômico em nada difere daquele do agente imobiliário formalizado. Tal fato, contudo, não ocorre em Bate Coração onde não há um único registro de

ocupação por aluguel. A propriedade do domicílio é a regra geral, não é, ainda, "um bairro de passagem", embora todos o sejam ao longo do tempo.

Uma cidade é uma forma viva e, portanto, mutável em diferentes ritmos. As qualificações espaciais dos lugares se modificam e as populações se transferem nos ajustamentos em busca de adequação de suas características sócio-econômicas e culturais aos valores simbólicos que os lugares, novos ou velhos, adquirem em razão da intervenção de fatores os mais diversos.

Uma invasão não consolidada não difere de qualquer outro bairro da cidade, a não ser pela precariedade dos serviços e da infra-estrutura em rede. Não há razão para se imaginar que nelas as relações capitalísticas fossem diferentes das que vigoram no conjunto da sociedade.

Na recente e mal sucedida invasão, denominada de Collor de Mello, segundo o jornal Tribuna da Bahia, em matéria intitulada "Profissão, Invasor" (18/03/90), uma invasora, diante da derrubada das armações dos barracos, declarou: "eu vendi meu barraco em Coutos. E agora o que será de mim e dos meus cinco filhos?" Outro, confessa: "eu aluguei meu quartinho em Pau Miúdo para dar de comer a dois filhos". Os negócios imobiliários raramente são feitos com uma intencionalidade "a priori", a não ser por um número muito reduzido de "profissionais". A maior parte decorre de circunstâncias, muitas vezes extremas, em que o invasor é premido a desfazer-se de sua moradia e arriscar-se a conquistar outra. Não se trata, evidentemente, de especulação, mas de ajustamento de situações provisórias que marcam a vida das pessoas na pobreza.

O purismo moralista que procura encontrar na pobreza a ingenuidade, e ela própria como virtude, acaba por transformar o pobre, no caso o invasor, em farsante, não raro manipulado por outros agentes externos, a exemplo da alusão ao "apoio de um padre estrangeiro". O pecado da miséria, não deve ser atribuído aos pobres, mas à sociedade que os produz e os discrimina e que faz deles os culpados de sua própria miserabilidade — os pecadores.

Em Bate Coração, na amostra examinada, há apenas três casos em que o domicílio ocupado não é propriedade dos ocupantes, o que representa a proporção insignificante de um por cento. Isto não significa que não tenha havido substituição de moradores e, portanto, negociações urbanas. Barba Branca, vice-presidente da Associação Beneficente do Subúrbio, de Bate Coração, declarou à Tribuna da Bahia, na matéria citada "Nós já tentamos junto com a

(6) VIANNA, Angela Ramalho — Estratégias de Sobrevivência num bairro pobre de Salvador. In Bahia de Todos os Pobres. Petrópolis. Vozes. 1980

Prefeitura fazer um cadastramento dos moradores de Bate Coração por quatro vezes. Mas não dá certo. Todo dia tem gente entrando, saindo e vendendo barracos.⁷

Hoje, com aproximadamente dez mil moradores, uma média de 4,6 pessoas por domicílio, Bate Coração tem pouco mais de quatro anos de existência. Cinquenta por cento de sua população tem mais de dois a quatro anos no local e apenas sete por cento disseram exceder a este limite superior.

Na observação do tempo de permanência pode-se perceber que a taxa de rotatividade da população é mais baixa do que pareceu à primeira vista, em razão do grande número de placas em frente aos imóveis anunciando sua comercialização, considerando o esgotamento da área física para a implantação de novas unidades habitacionais.

A pesquisa registrou o processo de substituição de populações pioneiras e pode quantificá-la através da propriedade do imóvel; apenas sete por cento dos moradores adquiriram o imóvel por compra; oitenta e um por cento construíram (setenta e quatro por cento pela via da autoconstrução e sete por cento pela contratação de trabalhadores) e permaneceram com eles.

Esse baixo índice de substituição reforça a afirmativa de muitos de que os invasores vieram para ficar e isso pode ser constatado, também, na acelerada mudança de padrões construtivos, em que as casas de alvenaria (bloco cerâmico) já alcançam vinte e três por cento do total de domicílios. A predominância ainda é a taipa, crua (sopapo) ou revestida, com cinquenta e quatro por cento. Os barracos de madeira e materiais diversos têm a mesma proporção dos de alvenaria. É interessante notar, no entanto, que vinte e dois por cento têm entre um e dois anos; e vinte e um por cento têm menos de um ano no local.

A comercialização de imóveis em Bate Coração não apresenta características distintas de outros lugares de Salvador, em bairros de baixa renda. Muitas pessoas que conquistaram lotes, nos primeiros momentos, os venderam a outros, que chegaram depois, e ganharam com a valorização. Outros se dispõem a vender seus imóveis se e quando a valorização for compensatória, como faria qualquer outro na lógica de obtenção de recompensa pelo trabalho ou lu-

cro em razão da oportunidade de mercado. Fica desfeita a idéia de que o invasor é um especulador imobiliário de baixa renda. O "ethos" capitalista não faz distinção de classe, mas as invasões são soluções para obtenção de bens de uso e não de troca para a grande maioria dos que por esse meio conseguem o solo em Salvador.

Ao observar a motivação para a vinda para Bate Coração e a comparação entre as moradias já tidas em Salvador e a que têm no momento, as respostas incidiram mais amplamente sobre aspectos positivos do que negativos. Essas reações reforçam a posição dos invasores na tentativa de conquistar o solo urbano e de melhorar as suas condições de vida. É indiscutível que a localização urbana propicia facilidades ou dificuldades para as pessoas a depender da capacidade de articulação urbana que a localização proporciona. No caso de Bate Coração, como se verá, a localização é estratégica e repleta de probabilidades, apesar dos problemas internos à própria invasão.

Entre os que anteriormente moravam em barracos de madeira, apenas a metade continuou neste mesmo padrão em Bate Coração, a outra metade melhorou seu nível habitacional, passando para taipa e alvenaria numa mesma proporção. Dos que habitaram barracos erguidos com materiais diversos (aproveitamento), em número de cinco, apenas dois permanecem nesta categoria, três em casas de taipa e um de alvenaria, apenas dois permanecem no mesmo padrão, cinco ocupam moradias inferiores e doze padrões superiores. Dos setenta e cinco que moravam em barracos de taipa, quarenta e nove permaneceram e quatorze ascenderam a casas de alvenaria, enquanto doze se distribuíram em padrões inferiores. Entre os setenta e nove que residiam em casas de alvenaria, apenas dezessete permanecem neste padrão, ficando mais da metade na tipologia de taipa e os demais em moradias inferiores.

É interessante observar que para a maioria a invasão representou uma melhora de vida, sobretudo quando se leva em conta não apenas as tipologias construtivas, mas a propriedade do imóvel. Um número consideravelmente expressivo alegou precisamente a questão do aluguel. Agora a habitação é própria e pode ser melhorada a cada dia, e é precisamente isto que ocorre na

invasão, na constante metamorfose que a consolida como um novo bairro dentro do padrão popular existente em Salvador.

Comparando esses dados com o questionamento direto que envolve o julgamento da moradia anterior em relação à atual, as respostas confirmam a posição da maioria dos cinquenta e seis por cento de que Bate Coração é melhor que os lugares anteriores. Quanto aos fatores negativos, a incidência das respostas foi para a falta de urbanização e pela insegurança pessoal, que constituem os problemas mais ostensivos da invasão.

É inquestionável, na visão dos moradores, que Bate Coração representou um avanço social, uma conquista e melhoria de vida. A superação do aluguel foi indicada como um fator da mais elevada significação, não apenas pelos encargos financeiros no orçamento familiar, mas pela segurança psicológica que se adquire ao se sentir proprietário de sua moradia, do poder melhorá-la sempre, de agregar valor e transformá-la num patrimônio familiar.

Os aspectos positivos de Bate Coração a confirmam como invasão construída para uso e não para comercialização. A conclusão a que se chega é a de que esses moradores realmente procederam de bairros os mais diversos e que tiveram como vantagem a conquista da casa própria e a localização em um espaço dotado de infra-estrutura adjacente e de serviços, incluindo o transporte coletivo para os principais pontos da cidade. Como aspectos negativos a desordem inicial da invasão, os conflitos entre os moradores, a insegurança diante da ampla criminalidade existente e, sobretudo, pela mais completa ausência de intermediação de qualquer serviço institucional para a solução dos conflitos interpessoais, inclusive para o tratamento dos espaços comuns, coletivos, da invasão.

Quando se analisa o perfil dessa população, percebe-se que os invasores estão envolvidos em atividades econômicas que se situam, predominantemente, na órbita das relações informais de produção, sobretudo em atividades manuais de baixa produtividade. Compreende-se, assim, o padrão de urbanização da invasão que não contou com qualquer apoio governamental. Tudo foi feito pelos invasores para garantir um mínimo de espaço.

(7) Tribuna da Bahia — Matéria "Profissão Invasor" — Salvador. 18/03/1990.